



“E A PALAVRA DE DEUS CRESCIA E SE MULTIPLICAVA” I. O QUE, DE FATO, DEVE CRESCER?

*Carlos del Pino*¹

RESUMO: Muito do que tem sido dito sobre a missiologia no livro de Atos dos Apóstolos procura valorizar excessivamente o aspecto do crescimento numérico da igreja. Devemos perguntar-nos, porém, teologicamente, o que realmente deve crescer quando falamos do trabalho missionário da igreja. Partindo dessa realidade, neste primeiro artigo, propomo-nos a discutir a problemática atual de uma ênfase, destituída de fundamentação teológica, no crescimento e na multiplicação de membros e de igrejas, lançando, assim, as bases para uma série de novos artigos, nos quais pretendemos buscar uma resposta adequada na teologia de Atos.

PALAVRAS-CHAVES: Missiologia, teologia de missão, crescimento de igreja, plantação de igreja, metodologismo.

*“O crescimento só pode ocorrer
onde há vida.”²*

Uma palavra introdutória

Nos últimos anos, estive pesquisando, recolhendo material e fazendo anotações pessoais sobre as variadas perspectivas missiológicas que podemos encontrar no livro de Atos dos Apóstolos. Há alguns anos, inclusive, escrevi uma

¹ O autor é Doutor em Teologia (Ph.D.) pela Universidad Pontificia de Salamanca (Espanha). É pastor presbiteriano, atualmente servindo como ministro na Iglesia Presbiteriana Fe y Vida na cidade de El Escorial (Espanha) e professor de teologia bíblica, teologia da missão, teologia contemporânea da missão e hermenêutica em diferentes instituições na América Latina e Europa. Está casado com Rosa Maria, pais de três filhos e avós de quatro netos..

² COSTAS, O. E., Dimensões do Crescimento Integral da Igreja, In: STEUERNAGEL, V. R. (org.), *A Missão da Igreja*, Belo Horizonte, Missão Editora, 1994, p.107.

série de breves artigos sobre cada capítulo de Atos, buscando compreender sua perspectiva missiológica, os quais seguiram o tema básico “Caminhos Missionários em Atos”. A intenção de ambos os trabalhos foi propor uma abordagem da missão que fosse mais equilibrada e coerente com o próprio livro, diante da grande necessidade atual de compreender mais profundamente o lugar missionário que a igreja e os cristãos ocupam na economia bíblica e de atualizar esse sentido para os nossos diversos contextos eclesiais, reconhecendo a tremenda necessidade que temos, hoje, de considerar adequadamente a teologia da missão para, conseqüentemente, construir, passo a passo, uma experiência missionária consistentemente coerente com essa teologia. Com o passar do tempo, acabei convencendo-me (também com a ajuda de alguns irmãos espanhóis e de familiares que insistiram nisso) de que valeria a pena publicar algumas dessas pesquisas na forma de um livro, que saiu meados do ano passado em espanhol.³ Assim sendo, o que nos propomos aqui é apresentar aos nossos leitores de língua portuguesa, em primeira mão, por meio desta revista, uma série de artigos sob o título geral “E a Palavra de Deus Crescia e se Multiplicava”, nos quais resumimos e adaptamos os principais tópicos e abordagens desse livro, até que o publiquemos na íntegra também em português. Nosso desejo, portanto, é contribuir para a reflexão e a prática missionária do povo de Deus em todas as partes do mundo lusófono.

A maneira como trabalharemos nesta série de artigos será por meio de uma análise bíblico-teológica do livro de Atos dos Apóstolos, avaliando os principais textos em que aparece a expressão “e a Palavra de Deus crescia e se multiplicava”, buscando compreendê-la dentro de cada contexto teológico, histórico e missiológico em que ocorre no referido livro. A importância dessa expressão lucana, como mencionaremos oportunamente de forma mais completa, é que ela estabelece uma sequência conceitual dentro de Atos, marcando, passo a passo, o desenvolvimento histórico e teológico do conceito e da prática da missão nas primeiras décadas da igreja. Ademais, observando essa expressão à luz da realidade missionária dos nossos dias, creio que poderemos compreender melhor os diferentes significados que a missão assume nesse período histórico e, dessa forma, avaliar e reavaliar os nossos próprios conceitos e práticas missionárias atuais.

Obviamente, para que essa tarefa seja realizada a contento, também será necessário avaliar as diversas correntes atuais, tanto de interpretação (hermenêutica) dos conceitos missiológicos contemporâneos com base em alguns poucos textos bíblicos, quanto da ação missionária concreta que se leva a cabo como derivação desses conceitos missiológicos, já quase sempre tomados como inquestionáveis pelas igrejas locais, denominações e agências missionárias

³ DEL PINO, C., *Y la Palabra de Dios Crecía y se Multiplicaba – Reflexiones Misioneras en Hechos de los Apóstoles*, El Escorial, Autoedición, 2025.

denominacionais e interdenominacionais. Essa avaliação dependerá de um diálogo crítico com a literatura missiológica contemporânea e com os trabalhos hermenêuticos e teológicos que vimos produzindo nos últimos anos em relação à missiologia do livro de Atos.

Com isso esclarecido, creio que podemos iniciar o nosso trabalho. Começaremos esta série de artigos com uma palavra introdutória sobre a problemática missionária que vivemos em nossa época, tanto para esclarecer a necessidade da abordagem que fazemos da missiologia de Atos quanto para alertar-nos acerca do tremendo perigo que estamos correndo: o de não considerar nossas ações missionárias como potencialmente contrárias a diversos caminhos bíblicos para a missão e de fazer uso indiscriminado de um grupo limitado de textos-prova na missiologia. Uma das preocupações principais, portanto, é construir uma abordagem bíblico-teológica consistente que questione nossos conceitos e práticas atuais e, ao mesmo tempo, contribua para a conscientização do sentido teológico indispensável à missiologia.

Observa-se que vivemos em uma era em que a influência social da igreja e até mesmo a presença numérica do cristianismo no mundo ocidental diminuíram significativamente. Isso se vê claramente, por exemplo, no contexto em que vivo aqui na Europa, onde especialmente a igreja cristã foi gradualmente perdendo a sua relevância na vida da sociedade, da família e do indivíduo ao longo de várias décadas, além de perder também um enorme volume de membros nas congregações e paróquias. Contudo, contrariando todas as previsões secularistas, e para a própria surpresa da sociedade europeia, a igreja cristã, em todas as suas formas, continua a existir, e a religião em geral, incluindo as não cristãs, "não definhou sob a pressão da modernização",⁴ o que se deve sobretudo às "novas ondas de imigração"⁵ aos países tradicionalmente secularizados. Isso sinaliza, já claramente, que o cristianismo não vai desaparecer da Europa e que, pouco a pouco vai assumindo uma presença cada vez mais e visível.⁶ Por outro lado, em várias outras regiões do mundo, ocorre um fenômeno um tanto diferente, onde a religiosidade, incluindo o cristianismo em todas as suas expressões, continua a expandir-se e a florescer, como ocorre em grande parte da América Latina, África e Ásia.

⁴ MENDIETA, E., Introducción, In: MENDIETA, E., VANANTWERPEN, J. (org.), *El Poder de la Religión en la Esfera Pública*, Madrid, Trotta, 2011, p.14.

⁵ J. Habermas em resposta a Eduardo Mendieta: HABERMAS, J. ¿Una Sociedad Mundial Postsecular?, In: MENDIETA, E., VANANTWERPEN, J. (org.), *El Poder de la Religión en la Esfera Pública*, Madrid, Trotta, 2011, p. 141.

⁶ Habermas utiliza a expressão *pos-secular* "para descrever as sociedades modernas nas quais continuam existindo grupos religiosos e que as diferentes tradições religiosas continuam sendo relevantes, ainda que estas sociedades estejam em sua maior parte secularizadas. À medida em que descrevo como 'pos-secular' não tanto a própria sociedade, mas sim uma correspondente mudança de consciência nela, el predicado pode utilizar-se también para referir-se a uma autocompreensão modificada das já em boa parte secularizadas sociedades da Europa ocidental, Canadá o Australia" (Ibid., 131).

Especialmente nas regiões do mundo onde o cristianismo ainda mantém uma presença muito forte na sociedade, pelo menos visivelmente, existe uma grande ansiedade em relação ao crescimento numérico das igrejas e à multiplicação do número de congregações. Essa ansiedade pelo crescimento numérico, que atualmente está sendo exportada pelos missionários latino-americanos — brasileiros, especialmente! —, já se nota e se faz sentir claramente também nas novas igrejas que estão sendo formadas na Europa, principalmente as que surgem sob a influência da imigração latino-americana, bem como em outras partes do mundo.

Como sabemos, as raízes dessa ansiedade pelo crescimento numérico estão mais firmemente plantadas no pragmatismo do que nas perspectivas bíblico-teológicas da própria missão. Suas raízes pragmáticas deslocam, conseqüentemente, a questão da verdade, substituindo-a pela da praticidade: funciona? A ideia é que, se funciona, vem de Deus, independentemente de ser verdade ou não. Michael Green explica isso claramente com as seguintes palavras: “A fé cristã só funciona porque é verdadeira. A verdade tem precedência sobre a relevância. No entanto, no clima atual, a relevância grita mais alto que a verdade”.⁷ Hans-Rheudi Weber, em seu artigo “A Aritmética de Deus”, alertou acertadamente que essa ênfase contemporânea no crescimento numérico da igreja poderia estar beirando a heresia, sugerindo, inclusive, que o verdadeiro evangelismo pode, na verdade, levar a uma diminuição no número de membros de uma igreja. Segundo ele, a chave não é definir como as igrejas podem crescer numericamente, mas sim como crescer em graça; muitas vezes, conseqüentemente, descobrir o verdadeiro custo do discipulado pode resultar em um declínio no número de membros.⁸

Um aspecto interessante desse sentimento de ansiedade em relação ao crescimento numérico é que, em grande parte do mundo evangélico internacional, ela se institucionalizou (ou foi institucionalizada) para, dessa forma, suprir suas claras dificuldades bíblicas, uma vez que tal ansiedade inevitavelmente não pode expressar-se em categorias teológicas. Isso se observa, por exemplo, no conhecido “Movimento de Crescimento da Igreja” que floresceu nos Estados Unidos, chegando também no Brasil e em vários outros países, nas décadas de 1970 a 1990, originado do trabalho de Donald McGavran,⁹ e que deu origem à atual tendência missionária conhecida como “Plantação de Igrejas”. Esta tendência na missiologia, já perfeitamente institucionalizada como bíblica,

⁷ GREEN, M., *Evangelism Through the Local Church*, Nashville, Oliver Nelson, 1992, p.133.

⁸ WEBER, H. R., *God's Arithmetic*, In: ANDERSON, G. H., STRANSKY, T. F., *Evangelization*, New York, Paulist Press, Grand Rapids, Eerdmans, 1975, p.64.

⁹ Veja, por exemplo: MCGAVRAN, D. A., *Understanding Church Growth*, Grand Rapids, Eerdmans, 1970.

praticamente dominou grande parte do cenário missionário das denominações e das agências missionárias evangélicas em todo o mundo.¹⁰

Toda essa tendência ansiosa em busca do sucesso numérico está, por um lado, fortemente definida por uma mentalidade na qual as metodologias supostamente garantem o sucesso da missão. O “sucesso da missão” é entendido, óbvia e quase que unicamente, como o sucesso numérico derivado do uso de uma apropriada metodologia¹¹ sempre em combinação com uma série de características pessoais (vocação?) que qualificam o pastor que lidera a igreja ou o “plantador” que se dedica a estabelecer uma nova igreja. Por outro lado, também devemos reconhecer que, nesse contexto, a falta de crescimento numérico frequentemente é justificada pelas dificuldades inerentes ao contexto em que a missão é realizada, pela ausência dessas habilidades pessoais na vida do pastor ou do “plantador” ou, ainda, é comumente compensada por declarações em favor, por exemplo, da importância de pequenos grupos que se amam profundamente ou da ideia de que o mais importante é a qualidade da comunhão e a presença do Senhor com o seu povo (“onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome...”), etc.

Devemos reconhecer, pois, que, nos dias atuais, torna-se cada vez mais comum considerar como alguns dos principais problemas enfrentados pela igreja, especialmente no campo da missiologia e do ministério pastoral, aqueles relacionados ao crescimento numérico, à sua ausência ou à sua existência supostamente insatisfatória, sempre com essa intensa e ansiosa ênfase metodológica e pragmática no sucesso ou fracasso da obra missionária. De certa forma, torna-se cada vez mais difícil compreender e tratar o trabalho pastoral e/ou missionário sob outra perspectiva que não seja essa.

Em outras palavras, olhando a questão por outro ângulo, parece claro que estamos condicionados a uma certa incapacidade de enxergar e abordar qualquer dimensão do ministério cristão a partir de uma perspectiva seriamente teológica e bíblica. Fazer e manter essa afirmação parece difícil, pois ela tem um certo ar de equívoco ou, pelo menos, de estar deslocada da verdade, principalmente nesta era em que abundam discursos sobre a nossa fidelidade aos princípios reformados, discursos algo pomposos que, no campo da missão da igreja, facilmente sucumbem diante do peso esmagador das expectativas do pragmatismo metodológico, sempre moldado por este século.

¹⁰ Uma boa reflexão acerca da relevância deste movimento na Europa a encontramos em: PAAS, S., *Church Planting in the Secular West – Learning from the European Experience*, Grand Rapids, Eerdmans, 2016.

¹¹ Veja a interessante abordagem de Schnabel com respeito ao tema do uso da metodologia na obra missionária e, especialmente, como ela foi utilizada pelo apóstolo Paulo nos registros de Atos dos Apóstolos: SCHNABEL, E. J., *Paul, the Missionary – Realities, Strategies and Methods*, Downers Grove, Leicester, InterVarsity Press, Apollos, 2004, pp. 29-32.

Por outro lado, além da visível tensão que existe entre o pragmatismo metodológico e a teologia, especificamente no que se refere à missão, devemos reconhecer também que ambas as experiências — refiro-me ao crescimento numérico e à sua ausência — apresentam vantagens e desvantagens. Começemos pelos aspectos positivos: por um lado, se há um rápido crescimento numérico, obviamente ganharemos maior visibilidade social e disporremos de mais recursos físicos e econômicos. Por outro lado, quando não há um crescimento numérico significativo ou quando o avanço ocorre de forma mais lenta, a comunidade tem a oportunidade de vivenciar a comunhão e a fraternidade de maneira mais intensa, com maiores demonstrações de amor e cuidado mútuo, promovendo uma conexão mais genuína entre todos os membros e aprofundando-se em um discipulado sério, em vez de apenas ver as pessoas como uma meta numérica a ser alcançada.

Ao analisarmos as possíveis desvantagens de ambas as experiências, percebemos que, no caso de um rápido crescimento numérico, há pouca interação entre as pessoas, e a comunhão tende a permanecer restrita a pequenos grupos. Além disso, dentro de uma multidão mais extensa e com pouca profundidade na espiritualidade bíblica, sempre haverá indivíduos que permanecerão ocultos, acabando por dar maus exemplos de vida cristã. Frequentemente, o pastor perde muito do seu “cheiro” de pastor, passando a agir como uma espécie de executivo religioso, mantendo-se equidistante da maioria e interagindo principalmente com seu grupo de líderes.

Além disso, a filosofia do ministério da igreja quase sempre se define como a de uma empresa-negócio, guiada pelo marketing e pelas famosas metas que podem ser contabilizadas.¹² Nosso nome também se torna famoso como líder de sucesso (ou ao menos o nome de uns poucos): somos vistos (*eu sou visto*) como bem-sucedidos; somos (*eu sou*) o sinal visível do reino e a personificação da própria bênção de Deus. No caso da experiência contrária, a da ausência desse crescimento numérico, certamente haverá menos impacto social da igreja, um menor número de programações de impacto, os constantes desafios de realizar-se o ministério e a missão com poucos recursos humanos e financeiros, além da conhecida sensação, ao menos muito real aqui na Europa, de sermos uma minoria desacreditada, uma espécie de “seita”.

Contudo, como sugerimos antes, nesta análise dos prós e contras do crescimento numérico ou da sua ausência não encontramos, realmente, qualquer dimensão que seja bíblico-teológica¹³ por parte dos seus promotores. Trata-se, portanto, de um esforço genuíno e meramente estratégico! Menciono isso aqui

¹² Veja os variados modelos de relatórios missionários adotados pelas agências missionárias atualmente!

¹³ Ainda que os mesmos versículos de sempre estejam presentes em projetos, manuais e congressos, os famosos “textos-prova”.

apenas de passagem porque essa ansiedade numérica pelo crescimento da igreja e pelo estabelecimento de novas igrejas, algo já assumido e estabelecido, continua a ocupar um lugar importante nas preocupações, no discurso e nas expectativas acerca desse assunto. Esse fato demonstra a insuficiência de uma elaboração teológica consistente na missiologia, o que, de fato, deveria ocupar a preocupação de todos nós e da igreja missionária/missional.

Partindo dessa preocupação, notamos como Orlando Costas foi um dos poucos que ousaram abordar essa questão a partir de uma perspectiva teológica. Ele aprofundou-se no estudo do crescimento da igreja como uma realidade essencialmente eclesial que, fundamentalmente, deve ser compreendida a partir do lugar da igreja na doutrina da Trindade. Em outras palavras, Costas propôs abordar o crescimento da igreja a partir de uma eclesiologia centralizada na doutrina da Trindade. Em suas próprias palavras: "Perguntar como a igreja cresce implica examinar, em primeiro lugar, a sua natureza divina, visto que é, acima de tudo, obra de Deus. Uma vez que o Deus bíblico se apresenta como Pai, Filho e Espírito Santo, a natureza da igreja deriva dessa realidade trinitária".¹⁴

Dessa forma, a contribuição de Costas foi relevante no sentido de desenvolver um discurso teológico específico sobre a natureza da igreja derivado da Trindade, oferecendo-nos uma visão da igreja como povo de Deus, como corpo de Cristo e como comunidade do Espírito Santo. E, "de acordo com a sua natureza divina",¹⁵ ou seja, teologicamente falando, é como devemos abordar e compreender o crescimento da igreja como um fenômeno eminentemente bíblico e teológico que abarca a totalidade das suas dimensões. Segundo ele,

como comunidade do Espírito, ela deve crescer em **santidade** e **comunhão**. Como corpo de Cristo, deve crescer em **apostolicidade** (missão) e **unidade**. Como povo de Deus, deve crescer em **fidelidade** às ações de Deus na história e na **celebração** de seus feitos maravilhosos.¹⁶

Mais recentemente, encontramos Stefan Paas tratando do tema do plantio de igrejas na Europa, preocupado tanto com o fenômeno quanto com a compreensão e o uso do conceito de "crescimento" nesse contexto. Segundo ele, "'crescimento' é uma das palavras mais elusivas na teologia e na prática da igreja. Pode significar muitas coisas, e frequentemente esses significados se sobrepõem".¹⁷ Após discutir brevemente as quatro dimensões do crescimento mencionadas por Loren Mead, Paas reconhece que as alegações dos defensores do plantio de igrejas se baseiam essencialmente na questão do crescimento numérico da igreja, e ele próprio considera o crescimento no número de membros

¹⁴ COSTAS, O. E. *Dimensões do Crescimento Integral da Igreja*, p. 110.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ PAAS, S. *Church Planting in the Secular West*, p. 111.

um fator determinante, visto que a igreja cresce tanto por meio de nascimentos e transferências de outras igrejas quanto por meio de conversões.

Paas reconhece, a esse respeito, que as duas primeiras formas são legítimas, mas concentra sua atenção na terceira, as conversões, “ou seja, o aumento do número de membros ativos mediante o recrutamento de pessoas que anteriormente não eram membros”.¹⁸ Contudo, ele também reconhece que, no atual processo de plantação de igrejas, não é a evangelização de não-crentes que leva ao estabelecimento de uma nova congregação, mas sim o oposto: “igrejas são plantadas não porque um certo número de pessoas foi alcançado (como no paradigma clássico), mas para alcançá-las em primeiro lugar. Muitos evangélicos veem a plantação de igrejas como um método, estratégia ou meio comprovado para o crescimento numérico da igreja”.¹⁹ Segundo ele, “há um atrativo inegável nisso... especialmente na Europa, onde tantas igrejas estão à beira da extinção”.²⁰ Em sua obra, porém, Paas situa esse argumento em favor do crescimento numérico da igreja em seu contexto missiológico original, analisando a lógica da própria teoria do crescimento da igreja e questionando suas premissas, afirmações teóricas e evidências empíricas para a alegação de que a plantação de igrejas causa o seu próprio crescimento.

Além disso, Paas oferece uma contribuição inestimável ao discutir se, de fato, o crescimento, especialmente o crescimento numérico, é o verdadeiro propósito da missão. Ao responder a essa pergunta, ele começa fazendo uma distinção necessária entre a missão de Deus e a nossa. Da perspectiva divina, sem dúvida alguma, o propósito da missão é glorificar a Deus, e os nossos diversos ministérios devem ser guiados pela glorificação do seu nome. O exemplo que ele apresenta de Paulo em Romanos 15.17–23, onde o apóstolo afirma: “não tenho mais lugar nestas regiões para trabalhar”, demonstra que a nossa missão tem suas limitações, ao contrário do que ocorre com a missão de Deus. Além disso, “na verdade, o que Paulo realizou foi muito marginal em comparação com os padrões modernos dos movimentos de plantação de igrejas”.²¹

Na realidade, Paas reconhece que os padrões atuais de crescimento e plantio de igrejas não explicam os numerosos textos e figuras bíblicas que descrevem a igreja como um povo minoritário no mundo: “sal e luz”, um “povo peregrino”, uma “colônia celestial”, as “primícias”, um “pequeno rebanho”, “estrangeiros residentes”, entre outras. De fato, a linguagem figurativa empregada pelo Novo Testamento não transmite a ideia de uma comunidade destinada a governar o mundo ou a absorvê-lo, mas, sim, de uma comunidade que leva uma vida precária dentro dele.

¹⁸ Ibid., p. 112.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

²¹ Ibid., p. 116.

Nesse sentido, parece-nos claro que Deus chama a sua igreja para sair do mundo, e não para absorvê-lo posteriormente, mas para oferecer ao mundo um testemunho vivo como o reino sacerdotal de Deus.²² A sua conclusão sobre este assunto revela claramente sua importante contribuição para esta questão, especialmente em nossos dias: “há algo de grande importância teológica nesta imagem da igreja minoritária dentro do mundo, uma imagem que se perde facilmente ao pensar no crescimento da igreja. Chama-se ‘representação’: como as primícias da colheita escatológica, ou como uma comunidade de sacerdotes, a igreja representa Deus para o mundo e o mundo para Deus”.²³

As contribuições de Costas e Paas nos ajudam a perceber que existe certa complexidade na questão do crescimento em nosso contexto atual, que há variadas abordagens e ênfases derivadas de diferentes perspectivas e que, conseqüentemente, elas nos conduzem por caminhos distintos e a mais de um resultado final, o que, obviamente, se traduz em práticas, tendências, prioridades e procedimentos pastorais e missionários na vida de nossas igrejas e agências missionárias. E, possivelmente, sobrepondo-se a tudo isso, consolidou-se um discurso que, em última análise, monopolizou a imagem da “verdade bíblica”. A partir disso, podemos deduzir a relevância do tema para a vida cristã e eclesial.

Assim, surgem algumas perguntas muito importantes, tais como: O que, de fato, deve crescer? Quais são as consequências, a longo prazo, da ausência de uma abordagem teológico-missiológico-pastoral para essa questão? Ou, dito de outra forma, o que uma abordagem persistentemente não teológico-missiológico-pastoral do crescimento e do plantio de igrejas pode produzir na igreja? Como isso pode ser abordado adequadamente a partir de perspectivas bíblicas e teológicas?

Com essas questões em mente, discutiremos o assunto a partir de uma perspectiva muito específica do livro de Atos dos Apóstolos. Esse livro foi escolhido por ser uma fonte literária frequentemente — ou, talvez, unicamente — utilizada quando o tema é o crescimento da igreja e a maneira de promovê-lo. De fato, não podemos negar que nos alegramos muito com a conversão genuína de homens e mulheres ao evangelho de Cristo, bem como quando vemos uma igreja local crescer em número ou novas igrejas locais sendo estabelecidas por meio de um processo intensamente evangelístico e de um discipulado sério. A esse respeito, Newbigin chama corretamente a nossa atenção para o fato de que “quando consideramos a história da igreja em seus estágios iniciais, registrada nos Atos dos Apóstolos, encontramos um vivo interesse no crescimento numérico”.²⁴ No entanto, ele também reconhece vividamente que, embora nos alegremos com o crescimento numérico da igreja, “observamos também que o restante do Novo

²² Ibid.

²³ Ibid., p. 117.

²⁴ NEWBIGIN, L., *El Secreto Abierto – Introducción a la Teología de la Misión*, Tampa, Doulos, 2021, p. 194.

Testamento fornece poucas evidências de um interesse no crescimento numérico... sua principal preocupação é a fidelidade e a integridade de seu testemunho”.²⁵

Portanto, nos próximos artigos desta série, concentraremos nossa atenção na recuperação de uma dimensão raramente, ou talvez nunca, discutida no livro de Atos dos Apóstolos no que diz respeito ao tema do crescimento. Especificamente, enfatizaremos uma expressão que se repete sistematicamente ao longo do livro: “e a Palavra do Senhor crescia e se multiplicava”, a qual aparece, com pequenas variações, nas seguintes passagens: 6.7, 8.4, 12.24, 13.49 e 19.20. Minha intenção é mostrar que essa expressão forma uma espécie de fio condutor missiológico em Atos, conferindo sentido tanto à obra realizada pela igreja e à sua própria dinâmica de testemunho quanto, obviamente, ao seu crescimento nas diversas dimensões em que o povo de Cristo deve crescer de forma saudável.

Esse fio condutor missiológico em Atos lançará luz sobre a maneira de abordar o tema do crescimento em nosso contexto atual, como parte da resposta teológica que devemos oferecer a esse importante tópico. Na sequência desta série de artigos, trataremos com mais detalhes desse e de outros aspectos relevantes da teologia e da missiologia do livro de Atos dos Apóstolos. Até breve!

ABSTRACT: Much of what has been said about missiology in the book of Acts of the Apostles has sought to place excessive emphasis on the numerical growth of the church. However, we must ask, from a theological perspective, what should truly grow when we speak of the church’s missionary work. Starting from this premise, this first article discusses the current problem of an emphasis on the growth and multiplication of members and churches that lacks a solid theological foundation, thereby laying the groundwork for a series of subsequent articles that seek an adequate answer within the theology of Acts.

KEYWORDS: Missiology; theology of mission; church growth; church planting; methodology.

²⁵ Ibid., p. 195.